

ZERO HORA

domina

Porto Alegre, 1º de abril de 2012

■ A obra de Moacyr Scliar recebeu a dedicação integral de Judith Scliar ao longo do último ano. Agora, ela relembra 45 anos de casamento e fala de seus projetos pessoais



*Estantes
repletas
de memórias*

Marco uma entrevista com Judith Scliar. Explico que quero fazer um perfil dela para a capa do caderno Donna. No dia combinado, ela me recebe no elegante apartamento no bairro Rio Branco. Começamos a conversar e, uma hora depois, percebo que tenho que mudar de planos: a conversa até agora, exclusivamente sobre a obra de Moacyr Scliar, vale uma capa do caderno Cultura. Tamanho é o devotamento de Judith às homenagens, lançamentos, livros de crítica e depoimentos, exposições, teses, cuidados com o acervo, tamanha é a agenda em torno do escritor, que o único assunto de Judith, durante uma hora, é reverberação da obra do marido, morto em fevereiro de 2011. E então, finalmente, uma lembrança banal traz a entrevista de volta à intenção original: esta capa do Donna, com o perfil de Judith Scliar.



Diego Viana

"You only live once", disse uma amiga, durante uma viagem a Nova York. "Você vive apenas uma vez. Pensei: ela tem razão", conta Judith.

You only live once



O Moacyr teve uma única aula de conversação comigo. Inventei uma entrevista: pedi que ele fosse Adão expulso do paraíso. Ele falou, falou, e quando eu abro a Zero Hora no domingo, tinha uma crônica com esse assunto. Eu disse: “Ah, vou querer meu crédito, essa ideia foi minha!”

Donna – O Veríssimo dizia que, entre as várias coisas que ele invejava no Scliar, uma delas era a quantidade de milhas acumuladas.

Judith – Tu sabes que uma surpresa desagradável que eu tive é que as milhas são extintas, não são passadas, não são herdadas pela família. Muito antipático...

Donna – Vocês viajaram muito nesses anos todos. Quantos são mesmo?

Judith – 45 anos de casamento. Mais dois de namoro.

Donna – Como vocês começaram a namorar?

Judith – Eu tinha 19, e o Moacyr, 26. Um dia, um casal de amigos ia sair, e o Moacyr estava sem namorada. Eles me convidaram, e a gente saiu. Um tempo depois, ele veio à minha casa, entrou no meu quarto, olhou e disse, já se fazendo de importante: “Ah, biblioteca pequena a tua hein?” (risos).

Quando quis me ver de novo, aproveitou que eu ia fazer vestibular: “Eu sei que tu vais fazer vestibular e vais precisar de um atestado médico para te inscrever, então eu vim te trazer o atestado”. Em vez de dizer: “Eu vim te ver” (risos). Na época, não tinha mensagem de texto. Ou tu ias pessoalmente, ou tu não ias. O telefone era de toda a família...

Donna – Onde o Scliar trabalhava?

Judith – O Moacyr era recém-formado e trabalhava no Pronto Socorro.

Lembro que ele fazia plantão lá e, quando eu telefonava, sempre diziam: “Vamos transferir para a sala de estudos”. Eu ficava muito impressionada... Não verdade, a sala de estudos era onde estava a televisão (risos), eles ficavam vendo televisão e tomando café.

Donna – E tu já trabalhavas?

Judith – Quando a gente casou, eu estava na faculdade, cursei Pedagogia e Letras, e já dava aula no Colégio Israelita. O trabalho com inglês começou na Lollypop, uma escola para crianças de cinco a 10 anos. Foi no início dos anos 70, eu tinha 20 e poucos anos. A escola foi crescendo, eu acabei deixando muitas coisas para trás, inclusive o mestrado. Enfim, a minha escola era o mais gratificante. E eu acabei ficando nessa área.

Donna – E como surgiu a ideia de trabalhar com algo tão específico, o inglês médico?

Judith – Surgiu por acaso, porque uns alunos que tinham que fazer estágio nos Estados Unidos, no último ano de Medicina, me procuraram. Eles gostaram, me recomendaram para outros estudantes. Eu gostei muito, porque já tinha provado que sabia trabalhar muito bem com crianças e jovens. E esse novo trabalho surgiu como um desafio que me exigiu muito, claro. No começo, eu dava aulas para médicos, hoje em dia eu dou aulas de inglês médico.

Antes de a gente namorar, um dia o Moacyr veio à minha casa, entrou no meu quarto, olhou e disse, se fazendo de importante: “Biblioteca pequena a tua, hein?”

Donna – O Scliar ajudava?

Judith – O Moacyr dizia que eu sei mais de medicina do que os médicos (risos). Teoricamente, claro. Ele me ajudou explicando algumas coisas mais complicadas, que eu não entendia. O trabalho me exigiu bastante, mas eu me aperfeiçoei e deslanchei. Hoje, apresento casos clínicos, e os estudantes de medicina às vezes aprendem nas minhas aulas conteúdos da área médica. Eu apresento alguns casos em DVD ou por internet. Faço o papel de um paciente com dor no peito, por exemplo. Os alunos têm que perguntar quando começou a dor, que tipo de dor, qual a intensidade, existem sintomas associados? Enfim, tem que fazer exame físico simulado, dar um diagnóstico... É um trabalho muito legal, muito gratificante.

Donna – O Scliar dominava o inglês tão bem quanto tu?

Judith – Ele não falava bem inglês, tinha uma certa dificuldade. Até houve um episódio muito engraçado: ele ia viajar sozinho e teve uma única aula de conversação comigo. Para fazer uma coisa bem criativa, resolvi fazer o papel de uma jornalista que ia entrevistá-lo: pedi que ele se imaginasse sendo Adão expulso do paraíso. Havia rumores de que Deus estava com ciúmes, porque Adão era um ser humano e podia ter uma relação com Eva. Pedi o depoimento dele sobre o que estava

acontecendo no paraíso, se a vida lá era boa...

Ele falou, falou, falou e, quando eu abro a Zero Hora no domingo, tinha uma crônica com esse assunto. Eu disse a ele: “Ah, vou querer meu crédito, essa ideia foi minha!” (risos).

Donna – Houve outros episódios tão divertidos?

Judith – Em 1984, fomos a Toronto. O Canadá é fantástico, as belezas naturais... Eles organizam todos os anos um festival de outono, o Harborfronts Festival, com dança, música, autores do mundo todo reunidos no chamado Author's Readings. São escritores fazendo leituras nas suas línguas originais, para as pessoas terem uma ideia do som da língua, existem tantas línguas pouco conhecidas... Depois, tu lês o mesmo texto em inglês. Naquela época, o Moacyr não se sentia muito seguro de ler em inglês. Então pediram para eu ler, aí subimos os dois ao palco. Era *O Centauro no Jardim* e, imagina, ele escolheu aquele trecho em que o centauro é circuncidado. Toda hora o pessoal começava a rir e tinha que parar. Foi bem legal!

Donna – Tu supervisionas as traduções dos livros de Scliar para o inglês?

Judith – Não, não. Às vezes, até podia ler alguma coisa. Mas são editoras sérias, tradutores muitos bons, não tinha necessidade. Nessa coisa de ajudar, lembro que eu

datilografava bem, na adolescência tinha feito um curso. Então, quando a gente se casou, eu datilografava os originais dele. Mas tinha cópias com papel carbono, ficava difícil de corrigir... Um dia eu disse pro Moacyr: “Vamos fazer uma coisa: eu vou trabalhar mais e vou contratar uma secretária, se não, vou acabar não gostando do que tu escreves, não vai dar certo...” (risos)

Donna – Pelo fato de tu trabalhares em casa o Beto nunca teve babá?

Judith – Pois é, comecei a trabalhar em casa e começou a aumentar a procura, aquela coisa propaganda boca a boca. O Beto era pequenininho e eu tive babá só durante alguns meses, naquela idade entre um ano, dois, em que a criança está sempre prestes a ter um acidente sério, sempre correndo, descobrindo coisas, mas assim que ele cresceu um pouquinho, dispensei a babá.

Donna – O Beto optou pela área artística.

Judith – Ele fez ciências da computação, ele é muito bom nisso, mas não gostou, achou aquilo muito quadrado, muito certinho. Um amigo dele trabalhava com fotografia, ele gostou e enveredou por esse caminho. Acho que ele queria uma coisa mais artística. Literatura não era o caminho dele, mas acho que talvez por identificação com o Moacyr ele queria alguma coisa artística também.

SEGUIE



“Temos livros até na churrasqueira”, conta Judith, rindo e convidando a um passeio pelos ambientes de estar do apartamento

Donna - Quando vocês mudaram para este apartamento?

Judith - Moramos 10 anos na rua Camérino, no bairro Petrópolis, depois de casar. Ai, decidimos que queríamos ir morar em uma casa. Um dia, o Moacyr olhou um anúncio no jornal que tinha uma casa na Santa Cecília. Pegamos a chave, e a chave não abria. O Moacyr disse: "Nem me interessa o que tem dentro, eu vou lá pegar a chave certa. É essa casa que eu quero". Era uma casinha colonial, não estava em bom estado, mas a localização era boa. A gente reformou bastante, e moramos mais de 18 anos na casa. Vendemos quando os vizinhos venderam as suas casas também. Íamos ficar prensados contra o prédio. Agora, estamos nesse apartamento, no mesmo endereço.

Donna - Aqui vocês não têm paredes, têm estantes...

Judith - Temos muitos livros. Até na churrasqueira a gente colocou livros. Vou te mostrar.

Judith se ergue de sua cadeira de professora, a mais alta entre as que rodeiam a mesa redonda que domina a varanda transformada em sala de estudos. Jeans claro, sapato de salto médio, blusa de estampa floral delicada. É uma mulher em ótima forma. Não aparenta 67 anos - "68 em maio", ela esclarece.

Donna - Tu nunca escreveste nada?

Judith - Quando me perguntam isso, eu digo alguém tem que ler... (risos).

Donna - Devia ser fácil presentear o Scliar.

Judith - O Moacyr era uma pessoa muito difícil de presentear. Livros,

então, o que interessava, ele já tinha em casa ou já tinha corrido na frente, já tinha comprado.

Donna - E os presentes dele para ti? Ele tinha um lado romântico?

Judith - Sim, mas não era expresso através de um presente, uma joia, uma roupa, não era por aí. Ele me surpreendia com uma coisa carinhosa, com um gesto. Na última entrevista que deu no *Roda Viva*, ele até me constrangeu. Um jornalista, perguntou: "De onde tu tiras inspiração para as fantasias sexuais dos teus livros". Ele parou e disse: "Eu não deveria falar isso, mas vou falar: casado com a mulher com quem eu estou casado... Ela deve estar corando agora em casa" (risos).

Donna - Qual é o segredo da longevidade do casamento de vocês?

Judith - Tolerância. E amor, claro, se não tem amor... No começo, não foi tão fácil assim, eu e o Moacyr saímos direto da casa dos pais para a vida a dois. Então, no começo a gente passou por alguns ajustes, não foi fácil direto, a gente foi construindo. Hoje em dia, acho as pessoas muito egoístas, muito intolerantes, elas têm pouca tolerância à frustração. Outra coisa que eu acho muito importante: tu tens que ser dádiosa, tens que fazer concessões, respeitar. Porque, graças a Deus, o outro não é como a gente, se fosse seria muito chato.

Donna - E a vida prática, como funcionava?

Judith - O Moacyr se apoiava muito em mim. Para a estabilidade emocional, eu estava sempre lá. E aí toda rotina da casa também. Vou dar um exemplo pequeno, bobo: o Moacyr adorava banana, então eu nunca deixava faltar banana.

Esse é um exemplo pequeno, mas nas coisas importantes sempre estava tudo funcionando. O Moacyr ia e voltava das viagens, e eu tomava conta. Recebia recados em inglês, francês e espanhol... Mas o principal, a estrutura emocional, era muito boa em todos os sentidos: companheirismo, vida sexual, amigos, tudo... Por isso, o tombo vem de muito alto. Hoje, já é um pouco mais fácil do que era há um ano. Tem tantas coisas boas para lembrar, tantas memórias de uma vida a dois... Mas essas coisas ficam, o que a gente viveu junto ninguém tira.

Donna - E havia também uma grande admiração.

Judith - O Moacyr admirava muito meu trabalho, minha disposição, minha gana, minha garra de vida. Sempre foi muito generoso, nunca foi um marido ciumento. Por exemplo, eu viajava com as amigas da minha academia de ginástica. Eu tinha amigos homens, a gente saía para jantar. As pessoas diziam: "Amigo homem? Sair para jantar? Isso não dá certo" (risos). O Moacyr não tinha esse problema, ele era muito aberto, ou tu confias, ou tu não confias.

Donna - Para onde tu viajaste com as amigas de academia?

Judith - Há uns três ou quatro anos fiz dois passeios ecológicos com elas: um para a Patagônia, aqueles de subir 10 horas o Torres del Paine, e outro para a Chapada Diamantina. No ano passado, o Beto estava muito triste. Ele se mudou há pouco para um apartamento aqui perto, e também enxerga o Clínicas, como eu (foi no Hospital de Clínicas que Scliar ficou internado). Ele é de dormir tarde e eu também. Da janela dele, ele vê se aqui tem luz, então às vezes ele me ligava...



Em torno da bancada do escritório de Scliar, Judith organizou um painel de fotografias de todas as épocas

Diego Viana

Ai, eu disse: "Vou tirar esse guri daqui". Liguei para o Beto e ele ficou maluco com o roteiro: pelo Leste Europeu, República Tcheca, Polônia, países bálticos, Lituânia, Letônia, Estônia, Finlândia e Rússia. Viajamos e foi muito bom, ficamos em um quarto nós dois, tivemos muitos momentos juntos.

Donna - Viajar é bom...

Judith - Viajar é bom, eu adoro. Viajava muito com o Moacyr para lugares mais formais. Agora em fevereiro, fui para Singapura, Índia e Ilhas Maldivas. Em maio, pretendo viajar à Croácia e talvez em setembro à China. No ano passado, fui a Nova York encontrar meus irmãos.

Donna - Todos vocês, os cinco irmãos, optaram pelo trabalho intelectual.

Judith - O Ruben (*Oliveira é o sobrenome de solteira de Judith*) é antropólogo, professor titular de Antropologia da UFRGS. Ele mora em Porto Alegre e atualmente é *visiting professor* na Brown University. O Miguel é arquiteto e mora aqui em Porto Alegre. A Miriam mora em Berlim e trabalha como intérprete no Parlamento Europeu. E o Gabriel é jornalista mora no Rio.

Donna - Voltando à viagem...

Judith - Estávamos em Nova York, com uma amiga e a filha dela, que foi minha aluna. Ela me disse uma coisa que me fez pensar: "You only live once". Ela tem razão, tem algumas coisas que enquanto tu estás bem, tens saúde, tens que fazer. Lá em Nova York, quando eu comentava: "Ai, isso aqui engorda muito...", minha amiga dizia: "Estás de férias, esquece, relaxa" (risos).

Donna - Quantas vezes por semana tu vais à academia?

Judith - Normalmente, eu ia quatro vezes por semana e caminhava. Neste último ano, não tive o mesmo tempo de fazer, mas agora vou retomar como antes, assiduamente. Está nos meus projetos.

Encerrada a entrevista, revela-se finalmente o perfil de uma mulher dinâmica e forte, envolvida com vários projetos. Os projetos ligados à memória do marido escritor. E os seus próprios projetos também.



O tombo veio de muito alto. Hoje, já é um pouco mais fácil do que era há um ano. Tem tantas coisas boas para lembrar, tantas memórias... Essas coisas ficam, o que a gente viveu ninguém tira



Em família: Beto, Scliar e Judith

Arquivo pessoal